

SOLETRAS

REVISTA DE ARTE & CULTURA

BIMESTRAL

Editor: Dany Wambire * Beira * Ano XII * 2025 * 64ª edição * E-mail: revistasoletras@gmail.com



Foto: Leo Ornelas

**Foi nos subúrbios onde recolhi conhecimentos
para os alicerces da minha vida**

— Aldino Muianga

Do poema à ficção: Léo Cote, Mélio Tinga e os cenários de um prêmio "gordo"

Página 7

Silva Dunduro: um artista emboitado entre tradição e modernidade

Página 10

Ensaístas moçambicanos no seminário internacional de literaturas no Brasil

Página 17

Índice de Conteúdos



05. O livro e a leitura são fundamentais para o desenvolvimento humano



07. Do poema à ficção: Léo Cote, Mélio Tinga e os cenários de um prémio "gordo"



10. Silva Dunduro: um artista emboitado entre tradição e modernidade



12. Foi nos subúrbios onde recolhi conhecimentos para os alicerces da minha vida



17. Ensaístas moçambicanos no seminário internacional de literaturas no Brasil



19. A viagem poética de Adelino Timóteo



21. "O livro da Dor", de João Albazini, completa 100 anos



23. Poesia-real para um Mozambique imaginário



Apresentação

De 3 a 5 de Setembro, realizou-se, na cidade da Beira, a 5ª edição da Feira do Livro da Beira, FLIB 2025. Subordinada ao tema “Ecos do meio século e as narrativas contemporâneas”, o evento enquadrou-se nas celebrações dos 50 anos da Independência Nacional.

A FLIB 2025 contou com a participação de inúmeros autores convidados, com destaque para Nataniel Ngomane, docente universitário e Presidente do Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa (FBLP), que proferiu uma palestra aos formandos do Instituto de Formação de Professores da Manga.

A principal ideia defendida pelo Presidente do FBLP é que os cidadãos dos países africanos devem abraçar bastante o conhecimento para desenvolver uma série de técnicas, uma série de saberes que os levem a desenvolver as suas sociedades.

A abertura da FLIB 2025 foi marcada pela inauguração da XII exposição individual do consagrado artista plástico Silva Dunduro. Com a mostra, intitulada “tradição e modernidade: celebrando meio século (1975-2025)”, o autor convoca-nos para a dimensão onírica das cores e recorrendo, sobretudo, ao corpo feminino como sua tela predilecta.

Na sequência da comemoração das efemérides, em 2025, celebra-se 100 anos de *O livro da dor*, uma colecção de cartas da autoria de João Albasini, recolhidas e publicadas, postumamente, por Marciano Nicanor da Sylva. A pretexto da celebração do centenário do livro, entrevistamos a professora e ensaísta Fátima Mendonça sobre o significado e impacto do livro na literatura moçambicana.

Nesta edição, também publicamos uma entrevista

ta que nos foi concedida pelo escritor Aldino Muianga. O autor fala do ambiente e das pessoas que moldaram a sua escrita, a começar pela sua tia-avó Hlahluvane, que lhe contava histórias de embalar; passando pelo seu pai, de quem aprendeu a dominar a gramática da língua portuguesa; até aos doutores António Barreto e Adalberto de Azevedo, professores no Liceu António Enes, em Lourenço Marques, que lhe sugeriram a leitura de livros clássicos, como Almeida Garrett, Aquilino Ribeiro, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Alexandre Herculano, Luís de Camões.

Instalação de Corpo (poesia), de Léo Cote, e *Névoa na Sala* (romance), de Mélio Tinga são as obras vencedoras da 3ª edição do Prémio Literário Mia Couto, que distingue os melhores livros publicados anualmente por autores moçambicanos. Conheça, neste número, o *frenesim* vivido pelos laureados nas horas que antecederam a cerimónia de premiação.

Na segunda semana de Setembro, os ensaístas Francisco Noa, Teresa Manjate e Sara Jona Laisse participaram na segunda edição do Seminário Internacional de Literaturas dos Países Africanos de Língua Portuguesa (SILAS), no Estado de Minas Gerais, no Brasil. Leia, nesta edição, os temas abordados pelos três pesquisadores moçambicanos.

Para encerrar, confira, neste número, um ensaio, da autoria de Cremildo Bahule, sobre *Moçambicante*, uma obra com a qual Gulamo Khan idealizou Moçambique de forma autêntica, citando “a enxada”, “o Hino”, “o alfabeto” como elementos constituintes de uma pátria que estava a nascer.[]

Dany Wambire,
Editor

LIVRARIA FUNDZA



Não encontrou o livro que procura?
Nós trazemos para si!

Além de uma selecção de títulos moçambicanos, encomendamos livros de editoras da África do Sul, Brasil, Inglaterra e Portugal.

Fale connosco e peça o livro que deseja!



Cell/WhatsApp:

(+258) 87 47 10 104 / 84 69 72 287



Fundza Livreiros



@fundzalivraria



O livro e a leitura são fundamentais para o desenvolvimento humano — afirma Nataniel Ngomane

Texto: *Dany Wambire*

Entre os dias 3 e 5 de Setembro, decorreu, na cidade da Beira, a 5ª edição da Feira do Livro da Beira, FLIB 2025. Enquadrado nas celebrações dos 50 anos da Independência Nacional, o evento contou com a participação de inúmeros autores.

Dentre os convidados, destaca-se Nataniel Ngomane, docente universitário e Presidente do Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa (FBLP), que proferiu uma palestra aos formandos do Instituto de Formação de Professores da Manga.

No local, segurando um envelope que continha as notas para sua palestra, Nataniel Ngomane, começou por visitar a biblioteca da instituição para aferir se fazia algum sentido o que pretendia dizer aos futuros professores. Sob o olhar da formadora Ercília Damas, a quem de quando em vez dirigia breves perguntas, o Presidente do FBLP percorreu as escassas prateleiras que, na sua maioria, albergavam manuais escolares.

Como que feliz por confirmar os pressupostos da sua intervenção, Nataniel Ngomane deixou rapidamente a biblioteca e dirigiu-se para o salão do instituto, onde forman-

dos trajados de calças ou saias azuis e camisas brancas o aguardavam.

Depois de cânticos e saudações de praxe, o Presidente do FBLP falou da “importância do livro e da leitura para o desenvolvimento humano”, o tema preparado para a palestra. O orador começou por afirmar que nós “enquanto africanos no continente africano, ainda precisamos abraçar bastante o conhecimento para desenvolver uma série de técnicas, uma série de saberes que nos levem a desenvolver as nossas sociedades”.

Elevando um pouco o tom da sua voz para que os futuros professores pudessem sublinhar o que a seguir iria dizer, Nataniel Ngomane defendeu ser crucial falar sobre a importância da importância do livro e da leitura para aqueles que “estão a formar-se, a preparar-se para virem a ser os professores do amanhã”.

Para o Presidente do FBLB, a escolha dos professores como público-alvo para a sua comunicação decorre do facto de estes serem determinantes para a criação de “estímulo da leitura” no aluno. “Quem lhe passa esse estímulo – não restam dúvidas – é o professor”.

Para tal, sentenciou o docente universitário, “aquele que hoje está a preparar-se para ser professor deve, por sua vez, abraçar o gosto pelo livro e pela leitura para poder absorver conhecimento suficiente e, mais tranquilamente, poder passar esse conhecimento aos seus futuros alunos.”

Para Nataniel Ngomane, deve-se, com alguma insistência, “despertar a consciência”, não só dos formandos, mas também de toda a sociedade, “no sentido de que, entrando em contacto com o livro, através da leitura”, pode-se criar desenvolvimento.

“Nós podemos não ter conhecimento de uma série de situações, mas entrando em contacto com o livro, através da leitura, acabamos, certamente, por ir armazenando uma quantidade imensurável de conhecimento no nosso cérebro. E esse conhecimento, certamente, pode e virá a ser-nos útil um dia. Creio que os livros são importantes, sobretudo, por isso”, defendeu o palestrante.

Por essa razão, advogou o Presidente do FBLP, deve haver um bom apetrechamento das bibliotecas dos institutos de formação de professores com livros de todos os géneros. “Seria interessante e muito importante que [o formando] lesse clássicos, que lesse romances, que lesse poesia, inclusive ler textos complexos, ler textos dramáticos.”

Na sua comunicação, de cerca 60 de minutos, Nataniel Ngomane disse que o livro dispõe de valor próprio, que não pode ser confundido com custo financeiro. “Não me parece que o *valor* do livro esteja no custo financeiro; senão os livros mais caros jamais seriam comprados. Os livros de anatomia patológica, por exemplo, dos cursos de medicina, são caríssimos; mas são comprados”, fundamentou.

Porque os gostos de leitura podem ser diferentes, o Presidente do FBLP recomenda que, na iniciação à leitura das crianças, deve-se respeitar os seus desejos, oferecendo-lhes “livros que lhes satisfaçam, livros que lhes dão prazer”, visto que “as crianças, como todos nós sabemos, gostam de descobrir o mundo. Gostam de saber o que é que existe no mundo.”

Como um bom didacta, Nataniel Ngomane, apresentou o passo a passo de como os pais podem iniciar uma criança na leitura:

“Primeiro, podemos ler para elas. Depois, quando elas aprenderem a ler, certamente, serão elas próprias a exigirem, a pedirem aos pais para lhes comprarem livros para ler, para continuarem a usufruir desse prazer que o livro dá e que descobriram mais cedo. Todos nós sabemos que as crianças gostam de livros com histórias de animais, por exemplo. Por que não lhes comprar esses livrinhos e ir as iniciando no gosto, na relação prazerosa da leitura do livro?”

Para encerrar a sua intervenção, o docente universitário comentou que os nossos hospitais recebem muitos pa-

cientes, vítimas de acidentes cardiovasculares, alguns dos quais podiam ser prevenidos com “leituras simples”, o que quer dizer que “ganhar conhecimento é apostar na melhoria da nossa própria vida e das pessoas mais próximas”.

Nataniel Ngomane, natural de Phembe, na província de Inhambane, é Professor de Literatura Comparada e Metodologias de Investigação na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), onde se licenciou em Linguística. Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), foi Director da Escola de Comunicação e Artes da UEM (2010-2015) e, desde 2014, preside ao Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa (FBLP), organismo dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) tutelado pelo governo de Moçambique.

Publicou artigos, ensaios e capítulos de livros, além de ter actuado como curador e mediador em projectos culturais, como a exposição itinerante A Língua Portuguesa em Nós. Paralelamente às suas funções no FBLP, em 2018 criou, com um grupo de estudantes, o Clube do Livro, em Moçambique, com o objectivo de promover e incentivar o gosto e hábito de leitura, e o debate sobre o livro em espaços públicos, e não só, iniciativa que se replicou e alastrou por todo o país e em outros países da CPLP. Os seus interesses de investigação centram-se na literatura comparada e nas relações entre o português e as línguas bantu de Moçambique.[]





Do poema à ficção: Léo Cote, Mélio Tinga e os cenários de um prémio “gordo”

Terça-feira. No calendário de 2025 destaca-se 2 de Setembro. São 21 horas. Numa das ruas do Bairro Polana Caniço, Cidade de Maputo, o celular de Léo Cote toca. O poeta mete a mão no bolso das calças. Com cuidado e a controlar os *rambas* armados em malandros, retira o aparelho e atende.

– Alô!

Do outro lado da linha, fala o Presidente da Associação Kulemba, Dany Wambire. Nas ruas históricas do seu bairro maputense, o autor de *Instalação do corpo* reconhece o timbre da voz porque, igualmente, permitiu-se ler o nome gravado no ecrã do seu telemóvel. A conversa, breve, é privada. Mas sabe-se que o Presidente da Associação Kulemba liga a convidar o poeta para participar na cerimónia do anúncio dos vencedores da terceira edição do Prémio Literário Mia Couto, na Cidade da Beira.

Até receber a chamada mais “desconcertante” do dia, Léo Cote estava em paz, sem grandes emoções para gerir. Portanto, tudo mudou rapidamente. Sem poder evitar, o poeta começou a pensar no prémio como nunca.

– Quando recebi a chamada, pensei em muitas coisas. Ocorreu-me que podia ser um dos vencedores. – Disse, Léo Cote, confessando que, entretanto, teve de manter o pé no travão.

Dez minutos depois, noutro lado da Cidade de Maputo, concretamente numa moradia do Bairro Mualaze, um telemóvel também tocou.

– Eu só atendi a chamada porque era o Dany [Wambire] e porque imaginei que poderia ser algum assunto relacionado ao Prémio Literário Mia Couto. No meu pouco humor, que às vezes acontece depois das 21h, lancei uma piada qualquer e o Dany ainda ameaçou-me, dizendo: “Cuidado! Estás a falar com o Presidente, o Presidente da Associação Kulemba”.

Reagindo à piada solta a 1200 quilómetros da sua casa, Mélio Tinga fingiu subserviência e ambos riram-se com alegria.

Tal como Léo Cote, até à ocasião, o autor de *Nóvoa na sala* tinha apagado da sua mente o assunto do prémio, como gestão de expectativa. Até porque, sublinhou, os escritores deviam ter uma espécie de formação para, ao nível

mental, souberem gerir certo tipo de emoções.

Com aquela chamada, passou a ser impossível não pensar no prémio. Sobre tudo porque, no dia seguinte, quarta-feira, 3 de Setembro, Mélio Tinga recebera uma passagem aérea para Beira. Atento aos pormenores, o escritor logo verificou que o bilhete *online* era colectivo – incluía Léo Cote. Mas não ligou ao Bairro Polana Caniço. Manteve-se em silêncio, cumprindo estritamente a orientação da organização. De outra forma, quem sabe, o presidente voltaria a lembrar-lhe que é presidente. Logo, quando os dois finalistas se encontraram no Aeroporto de Mavalane, Léo Cote foi o único que teve a necessidade de conter o sorriso de satisfação.

Depois de despachar as bagagens, o poeta e o escritor embarcaram no TM 106 da LAM e sentaram-se um ao lado do outro. Ensaando alguma prudência, já tendo percebido que, de Maputo, nenhum outro finalista do Prémio Literário Mia Couto partiria naquele voo, cada um do seu jeito, esforçou-se para não dar azo à sensação de vitória antecipada. Afinal, restava a possibilidade de os outros concorrentes terem viajado na véspera. Com mestria literária, contornaram o assunto do prémio.

– *Conversamos sobre outras coisas. Como o Léo fala muito, não faltou assunto.* – Graceja Mélio Tinga. Nesse instante, sem saber que aquela era a primeira vez que o companheiro de viagem partia de uma cidade para outra, de avião, para participar num evento literário. Também por isso, o poeta sentiu-se bem tratado pela organização do concurso.

– *Muitos prémios não tratam o autor com a devida dignidade. A Kulemba e a Cornelder de Moçambique deram-nos dignidade, desde o transporte à acomodação. Isso deixou-me alegre e, digamos assim, pela primeira vez, senti-me muito bem tratado,* frisou Léo Cote.

A aeronave da LAM partiu de Mavalane no fim da tarde. Ao atravessar as nuvens, pelas janelas, os dois finalistas do Prémio Literário Mia Couto apreciaram a paisagem. Sem que nada dissessem, observaram como, de repente, coisas grandes tornam-se pequenas e vice-versa. Durante uma hora de voo, ambos os autores desfrutaram do companheirismo, não fosse a amizade durar há uma década. Léo Cote foi o primeiro editor de Mélio Tinga. Quando o escritor venceu o Prémio Literário INCM/Eugénio Lisboa, Léo Cote foi menção honrosa no concurso. A capa do livro *Instalação do corpo*, de Léo Cote, foi feita por Mélio Tinga. Pelo que, um dia desses, quando as contas apertarem, o escritor e *designer* ainda vai cobrar a *nyonga* do prémio.

Enquanto as cobranças anunciadas não avançam, uma vez no Chiveve, os dois finalistas reflectiam sobre a evidência de que a literatura é muito maior do que os autores, com força própria, que ultrapassa as capacidades do Homem. Ainda assim, já instalados no hotel, a literatura nada fez para que a noite de quinta-feira, 4 de Setembro

de 2025, fosse curta. Os segundos, os minutos e as horas continuaram a contar da mesma maneira. Os dois amigos aperceberam-se disso quando foram à cama. Claro, cada um no seu próprio quarto. Aperceberam-se ainda quando, no dia seguinte, houve um raiar do sol, um matabicho, um reconhecimento das ruas da cidade e um encontro com os principais intervenientes do concurso, no Anfiteatro A da Faculdade de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade Zambeze.

A cerimónia do anúncio dos vencedores iniciou por volta das 16h. O evento contou, entre outros convidados, com a presença do Secretário do Estado em Sofala, Manuel Rodrigues; do Governador de Sofala, Lourenço Bulha; e do Presidente do Conselho Municipal da Beira, Albano Carige.

A seguir aos discursos de ocasião, houve a apresentação de diferentes performances. Só depois disso o Presidente do Júri, Nataniel Ngomane, leu a acta. Logo que o professor de literatura pronunciou os títulos dos livros vencedores, os únicos finalistas na sala sentiram um alívio. Mais do que uma surpresa, foi um momento de alegria. Para Léo Cote, foi ainda especial porque Nataniel Ngomane, a quem considera uma autoridade na literatura moçambicana, deu-lhe aulas na Universidade Eduardo Mondlane.

A seguir ao alívio, manifestou-se a pressão...

– *A partir do momento em que ganhamos um prémio importante, as pessoas passam a olhar-nos de forma diferente, a tratar de forma diferente. Já não somos os mesmos autores de antes. O Prémio Literário Mia Couto é um prémio gordo, não só em questões financeiras, mas pela toda logística. Posso dizer, é a primeira vez que vejo um prémio ligado a uma feira com aquele tipo de logística,* confessa Léo Cote, para quem a distinção da sua obra como a melhor publicada em 2024, em Moçambique, desperta um sentimento particular, uma vez que, entre os cinco finalistas, constavam outros grandes poetas.

– *Fico feliz por saber que o meu livro foi escolhido entre*



Nataniel Ngomane



os melhores. Calhou bem porque *Instalação do corpo* é um livro que gosto e que contou com muito investimento literário. No entanto, sublinho, não basta a minha qualidade. A qualidade dos autores com os quais concorri dão mais sentido à distinção.

Instalação do corpo foi escrito num momento de muitas leituras. A antologia *Ilha de Moçambique pela voz dos poetas*, organizada por Nelson Saúte e António Sopa, foi fundamental para o premiado. Mesmo sem conhecer a primeira capital moçambicana, Léo Cote recorreu aos poemas e a fotografias de *Muhipiti* para compor o seu livro. Graças a amigas como Ana Mafalda Leite e Vanessa Riambau Pinheiro, que partilharam tais fotografias, a imagem da Ilha de Moçambique tornou-se poesia.

Instalação do corpo foi escrito em 2019. O processo de oficina iniciou durante o Festival Resiliência, na Cidade de Maputo. Passados seis anos, apesar do sentido de responsabilidade, Léo Cote quer continua a escrever bem e melhor. Até para honrar as tantas chamadas e mensagens de felicitação, na sequência da distinção do livro.

– Foram várias felicitações. Os meus pares disseram-me que já era sem tempo e outras coisas simpáticas que, normalmente, não me dizem. O prémio deu-me destaque.

Quanto a Mélio Tinga, no derradeiro momento, teve a situação da gestão emocional ainda mais facilitada. Primeiro, o autor com quem viajou de Maputo acabava de ser premiado na categoria Poesia. Segundo, na categoria a que concorria, Prosa, era o único finalista na sala. Ao ouvir a salva de palmas a favor do amigo, Mélio Tinga soube que era uma questão de minutos... Em breve, Nataniel Ngomane também pronunciaria o título do seu romance e o seu nome. No máximo, a espera durou dois minutos. E o escritor também sentiu aquele bendito alívio...

– Quando fui ao palco, todo o filme sobre o prémio reappareceu com mais clareza e com satisfação pelo trabalho que tenho estado a fazer. Comentei com o Léo, que havia, desde aquele momento, um comprometimento ainda maior com a literatura. Como pensar no próximo passo... Por um lado, os prémios são bons, porque o valor nos dá a possibilidade de comprar o tempo necessário para nos dedicarmos à escrita. Por outro, dão-nos a responsabilidade.

Névoa na sala foi escrito em 2023, na sequência de uma reflexão do autor sobre os traumas da guerra. Para o prosador, um assunto muito marginalizado. Com efeito, Mélio Tinga convenceu-se de que o exercício de escrita podia ser um bom ponto de partida para a ficção, na qual podia gravitar tudo o resto. Ainda assim, o objectivo não era só escrever ficção por prazer, mas porque queria chamar os leitores à reflexão sobre os traumas da guerra e sobre como isso pode afectar as pessoas. Pelo meio, o escritor experimentou diferentes formas de escrever e de narrar, a partir de três personagens emocionalmente desequilibradas.

Para Mélio Tinga, um dos momentos mais marcantes da cerimónia foi o abraço de Mia Couto, segundo entende, um daqueles autores que não cabe no território moçambicano.

– Já que as pessoas, quando digo que sou escritor, perguntam se sou amigo do Mia, naquele momento, fiquei com a prova de que sim, sou amigo dele.

No Chiveve, Léo Cote e Mélio Tinga estiveram no último dia da 4ª edição da Feira do Livro da Beira. Na qualidade de premiados, queriam ter participado nas diversas actividades do evento. Entretanto, a viagem do TM 101 da LAM, da segunda à maior cidade do país, foi ainda mais agradável para os dois amigos que, incondicionalmente, só almejam escrever o melhor livro possível.[]



Silva Dunduro: um artista emboitado entre tradição e modernidade

Texto: *Belmiro Adamugy*

O homem, porque ser social, move-se, por natureza, na busca do bem e da felicidade. As vielas, bastas vezes, não são tão escorregadas como seria de desejar, sobretudo quando dois conceitos, aparentemente inversos, como são a tradição e a modernidade... mais ou menos como a água e o fogo!

A tradição, vista no sentido de comportamento social justo também se manifesta no amor pela comunidade, onde cada um dos membros do grupo é compelido a agir em prol do bem comum, sem interesses pessoais e, a modernidade, esse conceito que resulta da desconstrução dos fundamentos, ou seja, das tradições...

Silva Dunduro, com a exposição "Tradição e Modernidade: celebrando meio século", cujas obras estão acorralhadas fundamentalmente em técnica mista ou de óleo sobre tela, convida-nos para uma expedição onde a dualidade da modernidade, no sentido de arranjo social e de fundamento, faz-se presente, sem nunca deixar para trás as bases da tradição.

E neste particular, seria interessante perceber porque é que uma exposição de artes plásticas encimou uma feira dedicada ao livro. Se calhar é mesmo um acto que desconstrói a tradicional ideia de que livros são livros e quadros são quadros. Grande equívoco: livros e artes plásticas usam tintas! Ambas modalidades convocam a experiências visuais extraordinárias.

Filimone Meigos, na carta sobre a exposição, que também celebrava os 50 anos da independência nacional, escreveu que "tradição e modernidade, essa faca de dois gumes nos ensina uma coisa interessante, ainda que perversamente. Nos diz que as categorias (tradição e modernidade) são o prolongamento um do outro. Onde um acaba, o outro começa a sua inscrição nessa categoria intemporal grudada nos nossos corpos".

E nada mais justo; Silva Dunduro tem no corpo, sobretudo o feminino, um ponto de partida para a revisitação das memórias construídas ao longo dos tempos; observe-se a desenvoltura de "Vendedeiras de Sonhos", "Olhar da Mulher" ou

“Identidades Extintas pela Modernidade II”, esta última, só para justificar a tradição e a modernidade, exhibe uma mulher com escarificações no rosto e no peitoral. As cores, acres, sugerem imensamente esse colar que une os tempos e desfaz certezas.

No que tange a cores, Silva Dunduro é profuso; sugere o azul, nas suas variadas tonalidades (em Mutoriro), mas faz explodir uma paleta de cores em “Peixarias da Praia Nova”, por exemplo. Arrojado, espreita o cubismo - corrente esta com uma forte inspiração africana - mas é no realismo que a sua genialidade ganha fôlego, eleva-se, agiganta-se; diria mesmo que se atreve a ir mais fundo.

Há, na exposição Tradição e Modernidade, uma exploração acentuada de composição de cores, onde se nota claramente que o artista emprega, com sinceridade, a sua alma em cada uma das obras que oferece aos olhos de quem procura entender a dimensão onírica das cores.

Quando centra as atenções da sua verve no homem, Dunduro faz do corpo uma peça de dominação e submissão dentro do espaço social. Um corpo que se quer afirmar, mas as grilhetas da vida ditam outras dimensões que ultrapassam o aspecto figurativo. Há ali, não só uma perspectiva pictórica, mas, sobretudo, uma perspectiva histórica.

A arte de pintar, em Silva Dunduro, artista natural do Búzi, província de Sofala, e com uma carreira que desponta na década de 80, com exposições realizadas em vários cantos do nosso país e do mundo, assume-se como um acto de resistência.

E não podia ser de outro jeito... aliás, “Futuros Roubados I, II e III” são quadros que gritam que é preciso resistir, é preciso lutar contra as fatalidades da vida. São três obras que referenciam as guerras que grassam pelo mundo e, infelizmente, lavram no nosso solo pátrio em Cabo Delgado. Retoma esse bastão em “Vendedeiras da Paragem Tica”, onde voluntariosas mulheres lutam pelo pão de cada dia. Mas Silva vai mais além em “Identidades Extintas pela Modernidade”, onde questiona a negação das tradições, da moçambicanidade; pergunta-se, porque é que, subitamente, queremos ser o outro, negando a nossa própria essência. O artista sugere, ainda “Identidades Extintas pela Modernidade”, que a liberdade é um fundamento do mundo moderno, que transmuta noções de valor (sobretudo aquelas que gravitam na paridade e bem-aventurança) à posição de meios. E isso não significa apenas a operação do princípio da prioridade - aquele que tem por finalidade tanto ordenar o assentamento, estipulando o que deve ser analisado e registado em primeiro lugar, quanto classificar os direitos reais contraditórios, excluindo o incompatível e salvaguardando o compatível -, mas uma condição para a durabilidade da modernidade, o mais frágil entre todos os arranjos sociais, cuja sobrevivência está sempre em risco.

Em contraponto, em “Máscara de Beleza de Muhipiti”, Silva Dunduro refresca-nos as esperanças; nem tudo está perdido e há ainda espaço para sonharmos com a nobreza de valores impregnados pelo perfume da tradição. Há ainda um lugar nas nossas vidas para uma utopia que nos conduza para além do trivial.[]





Foi nos subúrbios onde recolhi conhecimentos para os alicerces da minha vida

Texto: Lucílio Manjate

Aprendeu a ouvir histórias no embalo da tia-avó Hlahluvane, durante a lida na machamba. Depois, o pai ensinou-lhe a dominar a gramática da língua portuguesa e ofereceu-lhe uma Parker 17. Mais tarde, os doutores António Barreto e Adalberto de Azevedo, professores no Liceu António Enes, em Lourenço Marques, incentivaram-lhe a ler, entre outros, Almeida Garrett, Aquilino Ribeiro, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Alexandre Herculano, Luís de Camões. Aldino Muianga, um dos mais aclamados narradores moçambicanos da geração de 80, com obra publicada dentro e fora de Moçambique, é o convidado especial da presente edição da Solettras.

Aldino, muito obrigado por aceder conversar com a Solettras. É para nós uma enorme alegria e honra poder conversar consigo e construir memórias para o futuro. E por falar em memórias, ocorre-me que às vezes os artistas são herdeiros dessa veia artística de algum ascendente familiar. É o seu caso? Como foi a sua entrada para a literatura?

A minha mãe ficou órfã de pais muito cedo e foi criada por uma tia residente no povoado de Ntchanwane, em Manjacaze. Cresceu lá e foi nesse lar adoptivo onde se casou. Essa tia chamava-se *Hlahluvane*, foi a guia material e espiritual da família, no que suponho que tenha sido de orientação matriarcal. A tia-avó *Hlahluvane* era perita em contar histórias, em sessões de serões e fora delas. Tinha

uma predilecção especial por mim, por ser o varão da família. Julgo que realizava na minha pessoa sonhos que não pudeira realizar porque não existiam rapazes na família. Diria que me levava sob as suas asas. Acompanhava-a nas jornadas na pequena machamba que ela insistia em manter produtiva, ia com ela à vila e outros lugares públicos, diria que para exibição do troféu que era a minha pessoa.



Fotos: Leo Ornelas

Que lições aprendeu da tia-avó Hlahluvane?

Durante os períodos das férias, os meus pais “repatriavam-me” para a casa da avó. Na companhia da minha irmã mais velha, empreendemos viagens de imaginação e de mistérios às narrações de *nkaringanas*, cujos temas eram afinal lições de moral, de resiliência aos revezes da vida à história da família e das comunidades.

Da avó aprendi, ainda, a conceber ideias de que para além do concreto da vida existiam outros universos que muitas vezes os sentidos não percepcionava. Essa foi a primeira experiência: a de que “saber escutar” é um pilar muito importante para concepção de novos conhecimentos.

E do seu pai, que memórias guarda?

O meu pai, que era um professor primário, realizava em mim – como se não bastassem as atenções da avó *Hlahluvane* – aspirações que não pudera concretizar. Ter um filho a quem legasse as suas experiências de vida. Sucedia a coincidência de ser o filho varão na família, o primeiro menino entre três raparigas. “Sofri” as consequências desse facto. Ele exigia de mim quase o impossível. A nossa casa era uma autêntica escola. Eu deveria escrever cópias, ditados, fazer operações de adição e subtração, decorar a tabuada, e outras “torturas” que se podem imaginar.

Então, começou a ler muito cedo...

Aos seis anos de idade, já lia alguns trechos da Cartilha Maternal de João de Deus. A minha memória era, por assim dizer, aguda na aritmética. À época do ingresso na Escola Secundária possuía um caudal “académico” sólido. Completei a 4.ª classe sem dificuldades de maior, apesar da discriminação de que eram alvos os estudantes de cor no sistema de ensino então em vigor. Pela minha passagem do ensino primário ao secundário, recebi do meu pai uma prenda curiosa e premonitória: uma caneta *Parker 17 Escolar*. Hoje acredito que ele assim o fez para me indicar uma das carreiras que na vida deveria seguir: a de Escritor.

Para se tornar escritor, certamente, contou com o apoio de outras pessoas. Ainda se lembra de algumas delas?

Eu tive dois magníficos professores, aos quais hoje rendo uma singela homenagem: os doutores António Barreto e Adalberto de Azevedo, docentes no Liceu António Enes em Lourenço Marques. Deles sempre recebi encorajamentos e orientação sempre oportuna na elaboração de textos de redacções que eles admiravam sobremaneira. Indicavam-me e aconselhavam a leitura de autores portugueses, tais como Almeida Garret, Aquilino Ribeiro, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Alexandre Herculano, Luís de Camões e outros cujos nomes agora não me ocorrem. Foram essas as minhas primeiras leituras “a sério” enquanto estudante do ensino secundário.

Daquelas três fontes de experiências, consegui reunir um caudal de conhecimentos básicos que me asseguravam uma caminhada equilibrada na jornada literária. Dito e feito, ainda na escola secundária comecei a escrever poemas. Daqueles não tenho “sobreviventes”, todos se perderam nas enxurradas do *Xitala Mati*, em 1966.

Outra questão ainda ligada às suas memórias, e que me parece curiosa, tem a ver com o facto de ter assinado uma “Nota de Autor”, em *Xitala Mati*, seu primeiro livro de contos, onde diz que as histórias compiladas nesse livro são essencialmente retalhos da própria carne, retratos da dura crueza do cenário da vida, o retrato da vida verdadeira do povo verdadeiro. *Xitala Mati* é publicado em 1987. Hoje, volvidos 38 anos, ainda vê a literatura ou pelo menos a sua literatura como esse testemunho da indignidade dos mais carenciados, como esse repositório da verdade? Aliás, há um tom quase confessional nessa nota, que pode fazer crer que há ali um retrato autobiográfico...

Qualquer obra de arte é, acima de tudo, autobiográfica. Ela reflecte o nosso sentir, passado ou presente, assim como projecta as nossas aspirações no futuro, em função daquelas experiências. Nasci e vivi num mundo “marginalizado”, se comparado com o urbano. Os universos suburbano e rural constituíam um cerco às vidas da esmagadora maioria da população do que se designava “província”. Estávamos todos manietados às normas estabelecidas pelo colonialismo; desde a repressão às manifestações culturais, à dissimulada proibição do uso das línguas nativas, à caderneta indígena, ao chibalo, e que mais? Tudo isso remetia o indivíduo autóctone à condição de instrumento que servia apenas para servir os interesses do colonialismo. Então, *Xitala-Mati* é um livro de histórias de ruptura, de contar as “nossas” histórias, ao nosso próprio modo, com as nossas personagens, nos seus próprios cenários, com enredos próprios do nosso quotidiano, das nossas tradições e culturas. Indivíduos da minha geração e das anteriores são testemunhas desse período obscuro da nossa História. *Xitala Mati* é, digo isto sem pe-



tulância nem falsos pudores, um livro de História, uma das versões literárias da nossa História.

Aquelas foram algumas das histórias compiladas, vivenciadas por mim, autor e como personagem das mesmas. Por isso “saem-me arrancadas da minha própria carne”. Sim, *Xitala Mati* é um livro autobiográfico e, em simultâneo, de cidadãos que viveram a crueza da vida como a vivi. É de todos nós.

Há quem diga que a personagem, uma boa personagem, para ser autêntica, tem de ser, em certa medida, um desdobramento do seu criador. Aliás, no seu último livro de contos, *Hospital (Contar Clinicando)* (2023), volta a prometer “descrever episódios reais, vividos como o foram no quotidiano.” Ou seja, parece garantido que no livro *Hospital* [...] o Aldino escritor e o Aldino médico partilham não só o mesmo objecto, e digo aqui objecto entre aspas: que é o ser humano no seu tempo e espaço. Qual é a relação entre os dois Aldinos, o médico procura influenciar o escritor ou é o inverso? E qual é o lugar da ficção nesse testemunho, apenas no nome das personagens, como se lê na nota?

Por natureza o ser humano tem uma personalidade multifacetada, com uma capacidade de ajustamento às situações; é um ser de vocações. O Aldino-escritor é um produto social. O Aldino-médico é um produto social e profissional. São faces complementares da mesma moeda.

Da sociedade absorvi lições sobre a complexidade do ser humano, como membro de uma comunidade, em função da sua cultura, da sua espiritualidade e do seu modo de inserção na mesma comunidade. São esses os elementos que permitem um viver equilibrado e, se possível, harmonioso para consigo próprio e na sociedade onde se vive. O Aldino-escritor é, se me permite afirmar isto, uma voz que regista e ficciona o real da vida (verdadeira) desse cidadão com que nos cruzamos no quotidiano. Apenas ficcionalização do real. O Aldino-médico mitiga e, se possível, cura as mazelas físicas dos seus pacientes. Em simultâneo explora os substractos dos padecimentos dos pacientes; as suas causas primeiras ao encontro do seu “real oculto”, da sua espiritualidade (de modo a conduzi-lo ao encontro consigo próprio). Ambos, o médico e o escritor, são complementares nessa simbiose social e profissional.

A sua escrita parece apelar para o regresso a uma infância hoje cada vez mais distante. Apesar desse regresso dar-se de forma cómica ou até dramática – estou a recordar-me do conto “Dois munda, quatro ganha” do livro *A Noiva de Kebera* – esse gesto parece reflectir uma patologia social que tem a ver com o desenraizamento em relação a uma forma de estar na vida muito nossa, com as nossas brincadeiras, os nossos jogos e as nossas peripécias. Isto para mim é particularmente interessante quando me lembro que as crianças e jovens hoje estão cada vez mais presas aos atractivos das novas tecnologias e das novas redes sociais. Estaremos a construir definitivamente uma Sociedade Nova sem essas referências culturais?

Sem dúvidas que sim. A juventude distanciou-se do passado que alberga em si valores que hoje não encontram. Alguém chamou a isso de “geração perdida”. Perdida no sentido de que “quem não sabe donde vem não sabe quem é; quem não sabe quem é não sabe para onde vai!”. Estamos nisto. As tecnologias são marcos inevitáveis e necessários no desenvolvimento humano. Existem, porém, valores que deveríamos cultivar e preservar se quisermos ser “nós próprios”, a nossa identidade como cidadãos, os nossos projectos familiares, sociais e como nação, dos quais a juventude não deveria distanciar-se, dos ensinamentos da nossa História que é o repositório dos nossos valores.

Num depoimento que deu em 2021, no âmbito da 4.ª edição do Festival Resiliência, que nesse ano o homenageou, disse que durante adolescência estudava ao relento. Este detalhe me recorda que o cenário preferencial da acção e da movimentação das suas personagens tem sido o subúrbio. Aliás, Francisco Noa refere que o imaginário suburbano se mantém funcional na sua obra, no sentido de permitir, por exemplo, a representação da “desagregação do sentido de pertença a um determinado território. É, pois, uma nostalgia de um território que, de certo modo, atravessa a narrativa de Aldino Muianga.” Acha que a sua preferência pelo universo suburbano vem desse seu contacto desde cedo com espaços abertos? O que o subúrbio tem a ensinar ao mundo, a uma população mais global, se calhar?

O território suburbano foi o universo onde colhi as minhas primeiras experiências de vida. Tudo o que me cercava constituía o que referenciava na vida. As outras experiências, a urbana em particular, era-me, por assim dizer, marginal, accidental. Foi nos subúrbios onde recolhi em primeira mão todo esse caudal de conhecimentos que formaram os alicerces da minha vida. Não é saudosismo, apenas um registo (passional?) dos eventos que tinham lugar naquele universo. As personagens são reais. Possuem nomes e moradas, movimentam-se naqueles cenários também reais. Diria que as narrativas são fotografias de memórias da vida real dos subúrbios. Os nomes? O uso de nomes próprios das personagens é intencional. Doutro modo nem poderia ser, porque neles existe um cunho da verdade de ser e de pertencer a uma comunidade que se reconhece e conhece os seus componentes.

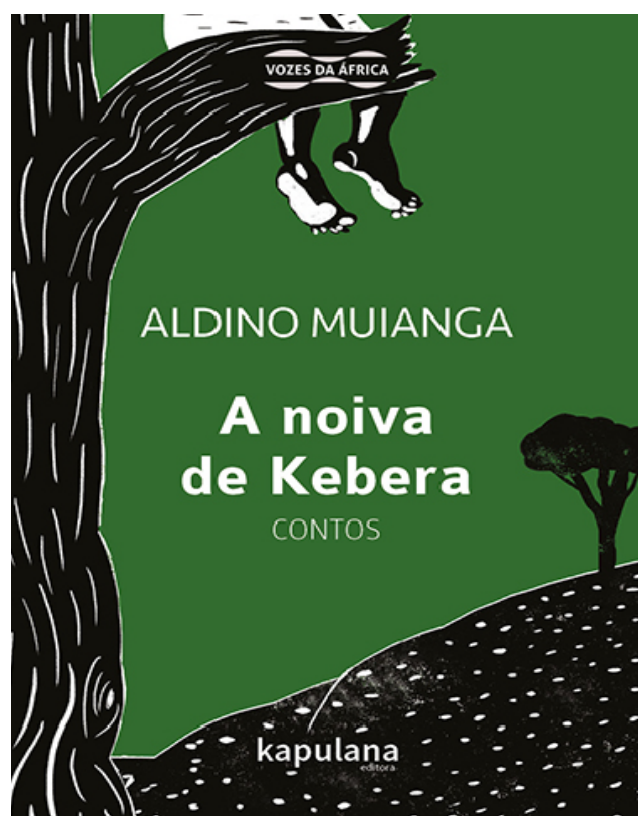
A lição que se pretende partilhada é de que cada um de nós pertence a um lugar, tem uma cultura, possui uma identidade que é inalienável. Todos pertencemos a um mundo global (e globalizado), todavia, existe em nós um substrato cultural que nos é caro e do qual nos devemos orgulhar. Existem marcas vincadas daqueles pressupostos em grande parte da minha obra. E penso prosseguir nesse veio.

Nas suas obras, há, por um lado, um mundo em fragmentação, no sentido de que há uma erosão dos valores da moçambicanidade, e a solução proposta para essa desagregação do sentido de pertença é, por outro lado, a recuperação da sabedoria de-

positada no universo da oralidade. Aliás, muitas das suas histórias resgatam o carácter exemplar e pedagógico da estrutura das narrativas da tradição oral. Ora esta gramática não é do Aldino apenas, mas de outros autores moçambicanos consagrados. A minha questão aqui é: como equacionar as possibilidades que os autores moçambicanos propõem com a questão da materialização de um plano nacional de leitura, que seria responsável por alargar este debate e torná-lo consequente? Por exemplo, se não se lêem obras integrais nas escolas, o que esperar do futuro? Aliás, a literatura nas nossas salas de aula servem sobretudo ao ensino de línguas. Não há uma educação para a formação de leitores, para a humanização.

Todos sabemos que as nossas escolas, em particular no ensino da Língua Portuguesa, o desastre está instalado. Os estudantes aprendem a soletrar palavras, a montar frases; são incapazes de compreender os conteúdos do que lêem. Não lhes é conferida essa capacidade que é, afinal, a essência de qualquer leitura: a exploração dos sentidos.

Acabaste de dizer que os alunos lêem trechos de textos. Isso é o mesmo que tratar um braço amputado em vez de tratar o corpo que perdeu o braço (meu recurso à Cirurgia). Pergunto a mim próprio por que razão não lêem textos inteiros no sentido de abarcarem todo o sentido dos textos. Creio que a adopção de livros de leitura obrigatória nas escolas serviria, com todas as vantagens. Uma selecção rigorosa de livros de autores também rigorosamente seleccionados serviria para aproximar os estudantes às suas culturas, estimularia o hábito de leitura, deles aprenderiam as técnicas de elaboração de textos e a sua interpretação. Quanto a mim, este seria um ponto de partida para o resgate de todos aqueles valores em extinção entre nós.



Na oralidade estão plasmados valores de diversa índole, lá existem marcas de identidade, o sentido de pertença, a moralidade entre outros. Infelizmente, por razões ligadas às fracturas sociais (êxodo, globalização, *media*) essa possibilidade de resgate da oralidade perdeu-se. Esta foi e é uma consequência funesta na nossa matriz social, moral e identitária. Convertemo-nos em cópias mal acabadas da globalização.

Localmente, temos o conflito em Cabo Delgado, mas os escritores já escreveram sobre as guerras, não foi suficiente esse testemunho? Afinal para que serve a literatura se não conseguimos mudar o mundo? Ou será que os produtores de armas não lêem ficção?

A Literatura não munda o Mundo. É o Homem que muda o Mundo. A Literatura “fala dos caminhos”, mas não indica os caminhos (citação: Sofia Breyner). Quem lê descobre o universo em que vive e outros tantos, alarga o seu conhecimento assim como a sua compreensão sobre o universo. O escritor e o livro são faróis, como alguém disse: alumiam as rotas, mas não especificam quais rotas. Os livros que mudaram o mundo, tanto quanto eu me recorde, foram a Bíblia e Alcorão. Se os produtores de armas lêem? Sim, lêem. Lêem livros sobre as guerras e armamentos... não Literatura!

O Aldino está a trabalhar na África do Sul neste momento, mas é aí onde vive? Pergunto-lhe isto porque há pouco falei-lhe do conflito em Cabo Delgado e recordei-me que irmãos moçambicanos que decidem trabalhar no país vizinho têm, de tempos a tempos, reclamado de maus tratos e discriminação por parte de uma faixa de cidadãos sul-africanos, supostamente a classe trabalhadora.

Estamos a assistir a um movimento exacerbado de xenofobia que atinge imigrantes africanos em particular. Este movimento tem antecedentes históricos (Apartheid, racismo, rivalidades tribais) e sociais (baixa escolaridade, desemprego e culto de violência), e a inoperância dos governos dos países de origem dos imigrantes ilegais, tópicos que eu não gostaria de esmiuçar nesta entrevista. A verdade, porém, é que o assédio contra os africanos não sul-africanos é crítico. Em devida ocasião poderei debruçar-me sobre as minhas observações e experiências pessoais. Resido e trabalho na RSA. Sou Docente na Faculdade de Medicina da Universidade de Pretória.

O Aldino fez parte dos escritores que se envolveram no projecto Charrua. Que memórias guarda desse tempo? Sente falta das revistas literárias? Bem, esta pergunta é capaz de remeter para um certo saudosismo, o que gostaria de saber é: dão-lhe jeito as revistas electrónicas ou todas as plataformas electrónicas que hoje tendem a substituir aquelas formas mais tradicionais, digamos, de se fazer literatura: nas revistas impressas, nos almoços ou nos jantares literários?

O projecto *Charrua* foi o abre-te Sésamo para o início de uma jornada de construção de uma Nova Literatura. Constitui-se como um ponto de ruptura com a Literatura que se

fazia até à Independência Nacional. Acreditávamos que existiam novos trilhos que deveríamos tomar para fazer diferente, em função da nova realidade que se vivia, do nosso papel como escritores, e das nossas aspirações. Era um projecto de lançamento de novas ideias sobre alternativas de “nos escrevermos”. Daí que o colectivo “Charrua” se constituiu de pessoas com diferentes linhas estéticas e temáticas das suas produções. Cada um explorava veios pessoais a seu modo, mas com o fim comum de reflectir uma identidade que era subvertida.

As tertúlias entre jovens escritores, quanto a mim, foram (e são) laboratórios onde se forjam amizades, se concertam projectos e se alinham desacertos. Elas constituem uma necessidade, na medida em que permitem intercâmbios só possíveis em encontros interpessoais. Publicações em revistas, jornais e outros meios “tradicionais” continuam a ter um grande impacto. Foi assim que muitos de nós começámos. Nada sabíamos de Internet ou doutros meios sofisticados para fazer chegar as nossas produções ao público. Foi através das páginas culturais dos jornais que nos iniciámos.

Por falar em redes sociais, parece-me que o Aldino é um escritor discreto, quando penso no espaço público, nos holofotes da média, por exemplo. É um autor discreto, mas não ausente, se pensarmos na sua vasta obra publicada. Isto é por opção mesmo ou, por exemplo, é uma condição imposta pelo seu lado profissional, ou se calhar as duas coisas?

Por feitio, sou uma pessoa introvertida. Sinto-me bem entre amigos (honestos) e inspiro confiança e descontração onde me encontro. O meu afastamento dos “holofotes” tem a ver com a aversão que tenho por publicidade. Sem dúvidas de que a profissão médica exige de mim um afastamento, diria coercivo, do público. O exercício de Medicina é um sacerdócio ao qual o clínico deve dedicar a maior parte do seu tempo com sacrifício para outras áreas como a familiar e social. De facto, há aqui essa combinação de factores.

Como vê o cenário literário actual da literatura moçambicana, com o surgimento de novas editoras e, consequentemente, uma crescente democratização dos circuitos literários, com novos festivais, clubes do livro e da leitura e prémios literários um pouco por todo o país?

É salutar acompanhar este movimento em curso para a promoção da produção do livro, assim como as campanhas de disseminação e de encorajamento à leitura. Um povo que não lê estagna na redoma da ignorância. Este movimento é também uma chamada de atenção a quem de direito de que a abertura do circuito do livro deve merecer a devida atenção, protecção e acarinhamento pelas entidades governamentais. As instituições privadas também são aqui chamadas para a prestação de apoios, concessão de patrocínios para edição de obras, mormente para jovens escritores. Aquelas são medidas de louvar que, estou certo, angariarão os seus proventos em breve tempo.[]

PRESENÇAS INTERNACIONAIS CONFIRMADAS:



**Profa. Dra. Teresa
Maria Alfredo Manjate**

Universidade Eduardo
Mondlane / Moçambique



Prof. Dr. Francisco Noa

Universidade Eduardo
Mondlane / Moçambique



**Profa. Dra. Sara Jona
Laisse**

UCM / Moçambique

Ensaístas moçambicanos no seminário internacional de literaturas no Brasil

Entre 9 e 11 de Setembro, os ensaístas Francisco Noa, Teresa Manjate e Sara Jona Laisse participaram na segunda edição do Seminário Internacional de Literaturas dos Países Africanos de Língua Portuguesa (SILAS), no Estado de Minas Gerais, no Brasil.

O evento, que durou três dias, contou com a colaboração da professora universitária Sara Jona Laisse na Comissão Científica. “O simpósio, que coordenei com a Professora Doutora Luciana Genevan Ferreira, designava-se Escritas de mulheres. A mesa era dedicada a uma reflexão e resignificação das representações de género, a partir da literatura, sobretudo, teve em conta a produção e a recepção de textos literários da lavra de mulheres”.

A ensaísta acrescentou que a iniciativa enalteceu a resistência e a insubordinação da mulher a partir da representação de linguagens e modos de agir presentes nos textos literários, que sugerem leituras que estimulam a equidade do género e estímulo da participação da mulher no que considera a “Casa literária”.

De acordo com a autora de Letras e palavras: convivência entre culturas na literatura moçambicana, entre vários, no SILAS foram apresentados trabalhos sobre as seguintes escritoras: Ana Paula Tavares, Énia Lipanga, Dina Salustio, Djamilia de Almeida, Paulina Chiziane, Lília Momplé, Olinda Beja, Noémia de Sousa e Deusa d’África.

À Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC

Minas), no dia 10 de Setembro, Francisco Noa levou o tema “Um olhar sobre a literatura moçambicana pós-independência”. Na apresentação, o professor de literatura teceu uma breve contextualização histórica da literatura moçambicana, referiu-se às origens/primeiras manifestações literárias, prosseguiu com a abordagem da definição do sistema literário (incluindo a construção do cânone), com os aspectos identitários e situação colonial.

De igual modo, o autor de *José Craveirinha, esse mandarim* referiu-se à independência ao contexto revolucionário e à literatura como contrapoder. Em primeiro lugar, desenvolveu a relação entre o estético e o político revolucionário. Em segundo, focou-se na consolidação da instituição literária: AEMO e Geração *Charrua*. Em terceiro, avançou com a explicação da aposta na liberdade subjectiva e na irreverência [no contexto literário]. Em quarto, explorou a situação da busca da qualidade, diversidade estética, temática e novos parâmetros da crítica. Em quinto, tratou da guerra civil como *leitmotiv* literário e o apelo do romance.

Num último momento da apresentação, Noa falou da nova geração literária: desterritorialização telúrica e o apelo da trans-nação. Neste tópico, o ensaísta explorou a vocação cosmopolita da literatura moçambicana, a presença do Oceano Índico, o desejo de evasão e as reconfigurações da escrita e do mundo no feminino.

Por sua vez, Teresa Manjate apresentou o tema sobre *Oralidades, escritas e imaginários*, um projecto ainda em progresso. Cruzando a literatura e outras artes, a professora universitária debruçou-se sobre dimensões da oralidade, conversação do dia-a-dia, re-oralização dos textos, memórias, resistências e relação entre oralidades e escritas. Segundo explicou, “oralidades” (no plural) porque o fenómeno envolve muitos aspectos, desde a voz, veículo de excelência da sua materialização, bem como valores a ela adstritos: a visão do mundo e os mecanismos de representação. Igualmente, “escritas”, no plural, convoca a escrita literária e não literária, nas suas múltiplas feições.

Fiel à perspectiva de interdisciplinaridade e intertextualidade, a professora de literatura, referiu-se à presença de diversos rituais na literatura, inerentes ao nascimento, casamento e à morte, tendo, como exemplo, obras de Rui de Noronha e Paulina Chiziane.

O projecto da pesquisadora da Universidade Mondlane permite projectar novas abordagens e mais interdisciplinares da literatura, ao mesmo tempo que permite uma maior dialogia entre os textos e maior contacto com outras artes.

A segunda edição do Seminário Internacional de Literaturas dos Países Africanos de Língua Portuguesa também contou com a participação de Ungulani ba ka Khosa, Carmen Lúcia Tindó Secco, Inocência Mata, Odete Costa Semedo e Sávio Roberto Fonseca de Freitas.

O SILAS é um fórum de discussão sobre as literaturas dos países africanos, seus modos de produção, circulação e recepção, e também sobre as relações que os sistemas literários e estéticos desses países estabelecem entre si e com outros sistemas literários e estéticos.

A segunda edição do SILAS resulta de uma parceria da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), da Universidade Agostinho Neto (UAN), de Angola, da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), de Moçambique, e da Universidade de Lisboa (UL), de Portugal.

Com o tema *Tempos, espaços, mediações*, o seminário abre-se para a discussão sobre as relações entre a experiência cognitiva, a estética e o conhecimento sensível, com foco especial sobre a produção literária na CPLP.[]





A viagem poética de Adelino Timóteo

Texto: Nelson Saúte

*Reparo o amor com virtude de um pássaro
que quer voar em direcção
à larga linha do horizonte,
com tanta gente aqui neste país que o anuncia
e o desperdiça a feri-lo em disputa,
a magoá-lo, a alvejá-lo,
quando mesmo pode ser uma dilecta criação do peito.*
Adelino Timóteo (in *"Os Segredos da Arte de Amar"*)

A biografia poética de Adelino Timóteo desencadeia-se em 1999, com uma obra cujo título evoca uma confiança, uma confissão ou, se quisermos, uma discrição: *"O Segredo da Arte de Amar"*.

Não muito tempo depois, o poeta resgata o mito da Ilha de Moçambique e a promessa da Grécia. A Ilha é um referencial poético fundador poderoso entre nós, estabelecido pelos nomes da nossa lírica, como Rui Knopfli, com a sua ingente *"A Ilha de Próspero"*, cultuada por Alberto de Lacerda, ali nascido, ou poetas como Virgílio de Lemos, Glória de Sant'Anna, Luís Carlos Patraquim ou Eduardo White – para nos atermos somente aos poetas moçambicanos.

Com *"Viagem à Grécia através da Ilha de Moçambique"*, em 2002, Adelino Timóteo não só vai em busca do mito poético da ilha, como se alia uma das linhagens poéticas mais emblemáticas da poesia moçambicana. Ali, o seu estro encontra um certo quilate.

Quando dá à estampa *"A Fronteira do Sublime"*, em 2006, já é um autor de timbre próprio e de uma voz singular entre os tributários da nova poesia moçambicana. Pratica, com esmero, o que avultava ser prosa poética. No final, a poesia não tem talas. Exerce-se como o poeta intuitivo – como o tinham feito Eduardo White ou Luís Carlos Patraquim.

O poeta já havia estabelecido a ideia da viagem, pelo menos pelas geografias do mito: fosse a velha Muhipiti, fosse a antiga Grécia ou Veneza. Mas havia uma outra viagem subsumida: a da mulher, do corpo exultante da mulher, que cantará de forma intensa, pujante, vigorosa.

Uma viagem, aliás, anunciada. A sua escrita sempre esti-

vera ancorada na sagração da mulher, na celebração do corpo feminino, nessa volúpia e nesse deslumbramento. Nessa vertigem. Nesse júbilo.

«Uma Veneza ancorada em mim. Uma sacra mulher na casa desta escrita.»

Nessa errância, onde o poeta pressente o amor, *«o princípio será sempre o fim»*.

Aliás, o poeta tem sempre uma "intuição pulsional", um apelo de "terra feita verbo". É uma espécie de "vocação" impenitente a sua. Uma busca inescapável. Uma invocação. Um destino irrecusável. A mulher. O corpo. O amor, sempre. Mas também a memória. A divícia da memória. A sua memória literária, poética e profética.

Ali está inscrita também a loucura do poeta, o viandante. *«Poeta sonâmbulo o que eu sou»*. E sempre a consciência do mito: *«O seu mito me persegue.»*

De *"De Veneza ao peito"* a *"A Fronteira do Sublime"*, escreve o poeta: *«Busco uma perfeição que jamais terá existido se não na imperfeição de que resulta o sonho.»*

Este é um livro em que se anuncia a euforia do amor. O amor do poeta é sempre abundante, exabundante. Imoderado, desmedido.

Em *"Dos Frutos do Amor e Desamores à Partida"* (2011), há o reiterado culto a Vénus: *«Tua a vertigem, repetitiva como me chegas, quente, suave, febril.»*

Leia-se-lhe:

«Eu te procuraria nessa volúpia, quase fogo, quase lume em tuas sementes sufragadas de desejo, em teus estames alucinados, acesos pelo mar, pelas ondas, alcandorado a polpa da carícia.»

Ou ainda:

«Deixa-me amar-te, a tontura leve das coxas fundas dos frutos, neste quase pomar onde aprendo a suar, lento, alucinado dos teus subterrâneos, o caulino branco, verde-ocre, de tão luminosa como a vida.»

O corpo. Sempre o corpo. O corpo da mulher. Uma espécie de força centrípeta.

«Os teus seios eventualmente redondos como uma corola,

ardidos pelos Sol, os teus seios esparsos, eventualmente pequenos como um verso, ardidos pela chama do beijo.»

O desejo, a vontade, a busca. A volúpia.

«A mão errante pelos emersos vales.»

Sempre o amor. A metafísica do amor. A elevação do amor. Essa constante exaltação. Essa permanente exultação.

«No amor, a tua beleza, transcendida pela música, pelo fogo, pelo mar, pela frescura dos álamos ou talvez pelas tuas mãos.»

Esse amor e esse culto conduzem-no à «haste das lágrimas». É o poeta no Olimpo. No seu Olimpo.

“Livro Mulher” é o apogeu da celebração da sua Vénus. Da apologia do corpo. Da reverência à mulher. «Pois uma janela, fisiologicamente, imita um livro. Um corpo. Uma mulher.»

“Leio a mulher”: «Que seria de mim sem um livro? Nada de nada. Em minha casa já não há um único livro. Vou à janela e estou lendo: livro mulher.»

«Mulher, surges-me vulcânica pelo teu corpo.» O poeta, na sua louvação, assim o reconhece, «leitor audaz», convoca Camões, «perdido na ilha, entretido em leituras de belas silhuetas macuas». Sempre o referencial da ilha. A legenda fundacional. A alegoria, a metáfora. O símbolo. Da viagem, do amor, da vertigem. Da mulher. Do corpo.

Esta poética constrói-se com sintagmas recorrentes: livro, mulher, assombrações, janela, casa, morada, terra, pátria. Lugar de origem. Fascinação. Uma espécie de «memória alucinada».

A sintaxe do corpo, do fogo, o sismo e a solidão. «Cada dia chego-te por um livro, atraído pelo corpo de uma mulher, por este olhar errante à janela. Um livro é como o corpo de mulher.»

Aqui temos «a ressonância de lugares remotos», a inferência dos «tempos antigos». A ideia de “circunavegação”. A mulher, o livro, esse «tesouro que nunca se termina de descobrir».

Sempre a «levitação», o «êxtase em haste dos céus infinitos». O encanto. O desassombro. O assombro. A celebração do corpo e do amor ao corpo. À mulher, esse livro. Às páginas onde se escreve «a metafísica do grito».

O esplendor nessa demanda: «o que há no corpo de uma mulher é um manual onde se pratica a levitação, onde se pratica a magia ou se opera (sic) os mistérios e milagres dos oráculos.»

Essa é uma «realidade exultante», a experimentação da «ogiva de arremesso». Tudo é belo e prazeroso: «Não há livro como tu, mulher. Não há melhor poema, melhor música, melhor musa senão tu, mulher. Tudo em ti é o esplendor, a formosura.» O aceno a Alice, outra fábula: «Tu, meu país das maravilhas.»

«És em meu pensamento o cais de partida e chegada», dita o «poeta sonâmbulo embalado na própria ausência.»

Poeta do amor, não se poderia furtar ao “Corpo de Cleópatra”, a deusa egípcia, hipócrata da beleza e da exultação do corpo. «Corpo metamorficamente sensual.» Mas também metáfora do livro, do livro-mulher, e evocação à mítica Biblioteca de Alexandria.

África no sufrágio dessa viagem ao território do mito.

E sempre a deusa Vénus, a deusa do amor e da beleza: «é

onde o amor vicia.»

A invocação de António, ou César, o aceno ao poeta de Alexandria (Kavafis), a referência a Kafka e à sua Praga, ou a referência Jorge Luis Borges e à sua lendária Buenos Aires.

Outros referentes dessa escrita: o grande rio Eufrates, a Mesopotâmia ou a Babilónia, todos entram nesta poesia de «luxúria e devassidão».

Muhipiti, sempre. Mas também o Cairo ou a Cidade do Cabo. Nesta tributação a Ptolomeu, também cabe a Beira, a cidade matricial. A sua pátria poética. Pátria de outros tantos, como Heliodoro Baptista, Mia Couto, Bahassan Adamodjy, Júlio Bică, Meigos, Julius Kazembe, Simeão Cachamba, António Pinto de Abreu, Miguel César.

De Sofala a Quíloa, de Mombaça a Mogadíscio. Assim se cumpre a viagem do poeta Adelino Timóteo. Um poeta em permanente busca de si. Todo o seu enunciado poético é essa revelação. Essa descoberta.

O “Corpo de Cleópatra” (2016) poderia ser um aceno a “O Corpo de Atena”: «Todo aquele que contemplou o corpo / de Atena vê mais além» (Rui Knopfli, *magister dixit*).

“A Volúpia da Pedra” (2018) é o triunfo desse amor refulgente, vibrante, que se recorta sempre no corpo da mulher, que se inscreve na metáfora da viagem, ou na imagem do tempo. O tempo inscrito na pedra.

A pedra e o tempo. «Amo o tempo que perdura nela.» Mas também a «matéria fálica».

Pronuncia o poeta: «Amo a doçura com que os seus seios túrgidos me tocam.»

Ou ainda:

«Amo na pedra a tangível loucura do amor, o perfume que não fosse por ela, por essa mulher, jamais vos escreveria esses alegres versos.»

«A pedra é uma alucinação» ou «a habitação sublime» ou «a volúpia desse império eterno em demanda» ou «um fascínio o seu halo místico».

Uma poesia que vai buscar à pedra a sua significação, o amor intransitivo pela mulher, o amor intemporal, a sua força mística, o âmago da sua transfiguração.

A gramática do amor encontra os seus estames nesta poesia que se funda no desejo alegórico do corpo e se transfigura na sua mítica. Ou mística.

Poesia que se enleva na janela, que se lê como livro-mulher, uma espécie de metonímia em que se funda o seu principal referente. O sujeito e o predicado de uma exaltante e exultante viagem poética de Adelino Timóteo.

Retorno às suas primícias quando enuncia:

«Eu não sei se te amo quando te escrevo
ou se te escrevo quando te amo.»

Poderia a divisa dessa viagem ou dessa circunavegação deste poeta da Ilha de Moçambique, da Grécia, de Veneza, do Egito, de todos os lugares.[]

Cidade do Cabo, 26 de Julho de 2025

“O livro da Dor”, de João Albasini, completa 100 anos

Texto: *Redacção*

Em 28 de Novembro de 1925, *O Brado Africano* anunciava o lançamento de *O livro da dor*, de João Albasini. A obra gerou grande entusiasmo, sobretudo, em inúmeros editores de jornais da época. *O livro da dor* é uma colecção de cartas da autoria de João Albasini, recolhidas e publicadas, postumamente, por Marciano Nicanor da Sylva, que retirou o manuscrito do espólio de João Albasini. Em 2025, o livro, considerado por muitos estudiosos como um marco na literatura moçambicana, completa 100 anos após a sua primeira publicação. A pretexto da celebração do centenário da obra, trazemos uma breve entrevista que nos foi concedida pela professora e ensaísta Fátima Mendonça sobre o significado e impacto do livro na literatura moçambicana.



A publicação de *O Livro da Dor*, em 1925, é considerada o início da literatura moçambicana, após a morte de João Albasini em 1922. Qual é o lugar de “O livro da dor” na periodização da literatura moçambicana?

Na altura a publicação do livro foi amplamente divulgada assim como a notícia de que estaria em preparação uma edição das crónicas de João Albasini. Foi esta notícia sobre as crónicas que maior expectativa compreensivelmente gerou se atendermos à repercussão que tinha na época a escrita jornalística de João Albasini. Contudo de um ponto de vista da história literária é preciso lembrar que esta foi a primeira obra de ficção com intenção marcadamente estética publicada por africanos num quadro social e político determinado pela política de assimilação e pela política educacional do estado colonial as quais deram origem ao aparecimento de um novo grupo social ‘os assimilados’ que se fazem ouvir através da sua própria imprensa através de um poderoso contradiscurso de carácter nativista, considerado por Mário Pinto de Andrade como protonacionalistas.

A este livro, certamente, seguiram-se outros que contribuíram para a formação do nosso sistema literário...

Depois de *O livro da Dor*, apareceram os livros de Augusto Conrado *A perjura ou a mulher do duplo amor* (1931), *Fibras d’um Coração* (1933) e *Divagações* (1938), assim como Rui de Noronha, sem obra publicada mas com abundante colaboração jornalística e poética durante a década de 30. Está aqui portanto a génese de um sistema literário que só viria a afirmar-se plenamente nos finais da década de 40. Por isso convém frisar o seguinte: *O livro da dor* revela na sua própria composição uma intencionalidade marcadamente literária dentro do género epistolar, estruturando-se a narrativa ao longo das epístolas que a constituem. Trata-se de cartas datadas entre Maio de 1917 e Abril de 1918, mas que nunca foram enviadas, não porque o autor não dispusesse de oportunidade para o fazer (terá de facto enviado outras cartas e bilhetes à destinatária referidos ao longo do texto e que não constam dele).

Disse que *O livro da dor* revela na sua própria composição uma intencionalidade marcadamente literária. Pode exemplificar?

A intencionalidade literária pode ser observada nos seguintes aspectos: a) títulos atribuídos pelo próprio autor: *A força do Destino/O livro da dor* (de acordo com o editor e autor do prólogo Marciano Nicanor da Sylva ou *Noite da minha vida* segundo o narrador (p.19); b) coerência interna do texto em que cada carta realiza determinadas funções da narrativa através de analepses que permitem estabelecer a cronologia das acções narradas; c) índices de ficcionalidade: *marcas de retórica* como «Este verso do grande poeta», «e far-te-ia chorar, tu insensível porque não se deu ainda na face da terra uma tam grande injustiça»; *marcas de inverosimilhança* pertinentes por exemplo «chama-me amanhã para me ouvires sim?» ah ainda não te falei (...): não se tratando de cartas enviadas tornava-se inútil esta forma de enunciação sendo portanto evidente a presença de um narratário (M) (categoria própria da

ficção narrativa)

Acha que o conteúdo do livro pode ajudar-nos a compreender a biografia do seu autor? Ou trata-se de pura ficção?

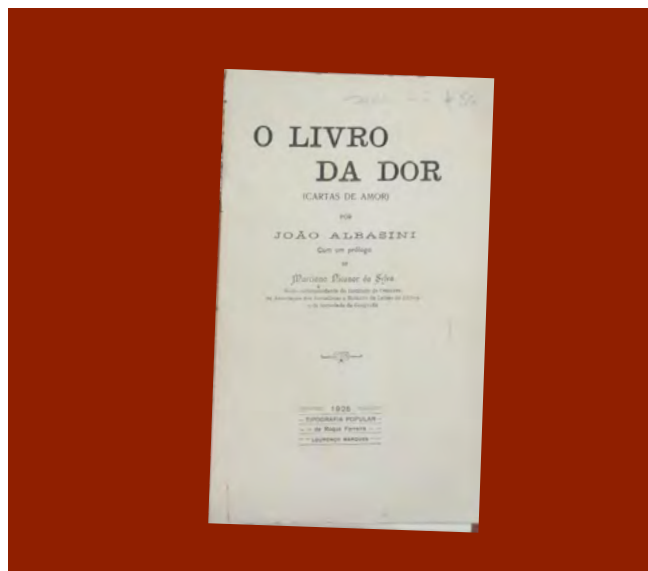
Não se trata de pura ficção. Digamos que se pode considerar como um texto actualmente denominado como auto-ficção, isto é uma modalidade de escrita do eu incidindo não sobre o conteúdo das recordações evocadas mas sobre o processo de enunciação e da sua transformação em texto, acumulando os critérios de veracidade e ficcionalidade. É essa ficcionalidade que procurei mostrar nos exemplos anteriores. Assim é determinante o papel da linguagem nessa forma de ficção, estruturada a partir de acontecimentos e factos reais. *(Só um aparte: Este termo foi avançado por Serge Doubrovsky nos finais dos anos 1970 como resposta a Ph. Lejeune que, em Le Pacte autobiographique, sugeria a possibilidade de existência de um texto em que coexistissem a identidade do narrador e do personagem no quadro de uma das formas possíveis de pacto: o pacto romanesco).*

Essa coexistência parece marcar toda a obra de João Albasini. É difícil ler todo o livro sem confundirmos o autor com o narrador...

Como narrativa ficcionada *O Livro de Dor* deixa antever um conflito entre a expectativa do narrador e a do narratário referenciado como M traduzido na recusa do pedido de casamento desta, por razões incompreensíveis para o narrador. Este numa sessão de cinema (o que pressupõe um certo convívio entre ambos) entregou a M um bilhete escrito em ronga (referido como landim no texto), em que a pedia em casamento ao qual ela terá respondido: “sinto-lhe ódio”. Esse momento de aparente ruptura (biográfica/real) desencadeia a expressão emotiva das cartas (ficção).

Tem-se feito um exercício de cruzamento de fontes para se identificar a destinatária das cartas, a personagem M. Está ciente destes estudos?

Do que se conhece hoje sobre a sua vida privada sabemos que João Albasini, estando em processo de divórcio, teve uma paixão não correspondida por Michaela Loforte (esta viria a casar-se em 1919 com Guilherme Victor Just Bruheim, tio de Noémia de Sousa e amigo de João Albasini). Cheguei a conversar nos anos 1990 sobre este assunto com um dos netos de João Albasini, popularmente chamado Brandão (pai da D. Carolina Albasini) e amigo de José Craveirinha, tendo percebido que era um assunto conhecido por toda a família. Parecia fazer parte de uma lenda ou mito familiar. Este é o lado puramente biográfico. Tomando como referência o critério de veracidade esta ocorrência (pedido e recusa) foi real e terá afectado João Albasini como se depreende em alguns excertos mas a sua consequência não está documentada suficientemente no texto para que possamos ir muito mais além quando pensamos em termos biográficos. O que me parece interessante é que ao longo do texto estão representadas vivências e hábitos, visões do mundo, percepções e expectativas desse grupo social oriundo da política de assimilação, em que se integravam tanto João Albasini como Michaela e outras



personagens não identificadas referidas nas cartas. Aliás, este foi um dos aspectos que me levou a investigar um pouco para tentar perceber melhor a personagem real de Michaela Loforte, o que já é outro assunto.

O género do livro é epistolar. Sente que estética seguida na escrita do livro dialoga com a do jornalismo praticada pelo autor?

Trata-se de algo completamente diferente o que não me surpreende pois como jornalista João Albasini desdobrou-se em heterónimos (João Regras, Chico das Pegas e ele próprio João Albasini) De facto a cada uma destas autorias correspondem textos esteticamente diferentes e com o *Livro da Dor* João Albasini pratica uma outra escrita que se enquadra perfeitamente no género epistolar, parte de uma tradição literária romântica europeia, em que a mulher é representada simultaneamente como Anjo e Demónio.

Até que ponto *O livro da dor* chega a ser uma influência literária para os contemporâneos de João Albasini ou para os autores da geração que o seguiu?

O único contemporâneo de João Albasini a aventurar-se na ficção narrativa foi Augusto Conrado mas parece-me não haver muito paralelo, embora precisasse de os reler nessa perspectiva. Nunca se sabe o que poderemos encontrar nas releituras. Rui de Noronha de alguma forma manteve-se no campo da expressão romântica do amor mas devido a outros contactos literários e optando pela poesia. Ainda assim é nessas convergências que encontro o embrião de um sistema literário moçambicano, como referi. Quanto à geração seguinte muito bem representada por Noémia de Sousa eram outros os tempos e nas expectativas africanas do pós-guerra não havia lugar para a expressão de dramas pessoais, como diz no *Poema a Rui de Noronha*: «dorme dorme Rui de Noronha/ na palhota maticada do teu Eu».

Concluindo diria que *O Livro da dor* pode sobreviver como documento de uma época e como tal merece ser preservado e lido. Mas é evidente que a grande herança de João Albasini reside nas poderosas e geniais crónicas que deixou e em cuja publicação participei com o meu colega César Braga-Pinto.[]



Poesia-real para um Mozambique imaginário

Texto: Cremildo Bahule

Nos cinquenta anos da nossa independência (1975-2025) renasce, com todo júbilo poético que lhe-é merecido, uma obra que idealizou Moçambique de forma autêntica: *Moçambicante* (Khan, 1990). Na verdade, este texto é, simplesmente, para memorar que o país também se constrói com poesia. O nosso imaginário de país, com todas as mazelas e qualidades, é feito de poesia e todas as utopias que sustentam tais poéticas.

O poeta Gulamo Khan (1952-1989) não estava errado quando citou «a enxada», «o Hino», «o alfabeto» como elementos constituintes de uma pátria que estava a nascer. Estás ambiências, aparentemente simples e sem nexos um com outro, encerram e constroem uma dimensão escatológica daquilo que o poeta sonhou e cooperou para a sua formação: Moçambique. Perfaz uma dimensão simbólica, por um lado, a emoção e relação qualitativa do modo bem mais íntimo da evocação vinculativa do nascimento de Moçambique, por outro lado. Do ponto de vista literário, Khan escrevia com *Moçambicante V* (Khan, 1989, p. 65), uma esfera que excedia uma evidente subversão, o claro revide, do ajuste, da luta, da defesa e do contra discurso presente nas práticas de do engajamento que constituíam elementos definidores de uma geografia que estava a se tornar nação. O tripé «enxada», «Hino», «alfabeto» sustenta a pátria. «Com a enxada / eu bem cantava / que força telúrica / movia o Hino / inventávamos nomes / o alfabeto / e da guerrilha / a espingarda fulgia o verso / calibrada a fome» (trechos do poema, *Pátria era nascer*) [Khan, 1990, p. 20].

É evidente que estamos perante um discurso literário politizado. A literalidade de clamar pelo nascimento da pátria assenta na radicalidade de uma extraordinária capacidade de ajustamento ao tempo e ao espaço de um lugar que ia se traçando como um «Mozambique [nosso] corpus quantum» para usar uma linguagem de Meigos (2009). Como podemos perceber acabo de convocar um outro livro que ganha fulgor com a nossa independência: *Mozambique – Meu Corpus Quantum*. (Meigos, 2009).

Esta agregação poética – Khan e Meigos (uma apropriação assumidamente contrafeita) – é para assinalar a beleza de ler a poesia moçambicana. De comemorar cinquenta anos, também, de poesia. Por imperativos da «calibrada (...) fome» (Khan, 1990, p. 20) nos esquecemos desse detalhe: a pulcritude de ler a poética moçambicana. É bonito ler poesia moçambicana. A cada alvorecer da nossa moçambicanidade temos novas lógicas poéticas para justificar que somos, realmente, um país de poetas. Porém, num cenário estético de tanta pulcritude poética somos invadidos, por vezes, por uma tamanha tristeza porque não conseguimos interpretar o melhor que temos da lírica moçambicana. Do encantador. No meio de tanta excelência poética somos assolados por um sofrimento. Com muita eminência poética conseguimos viver a aflição de não conseguirmos sentir o poema na sua plenitude. Sim, é um facto: jamais será fácil decifrar um poema. Todavia, deve ser um imperativo plúmbeo saber tirar o melhor da poesia moçambicana para que arranjemos outras interpretações que fazem de nós uma nação criativa e *maningue-nice*.

A incursão dos parágrafos antecedente é para afirmar que o património poético moçambicano se reveste de uma forma que traça um país, ainda, utópico. Mas, na textura do terceiro milénio e com meio século de independência (1975-2025), a utopia ainda oferece um critério credível para a construção de Moçambique? Sem filtros a resposta é: sim. Evidentemente, a utopia – sedimentada por meio da poesia, como é mote neste pequeno texto – assume vários rostos dependendo do contexto. Quando o nosso poeta-mor escreveu Mamana *Saquina* (Craveirinha, 1974, págs. 74-75) tinha a utopia da independência. [Acabo de convocar um terceiro livro: *Karingana Ua Karingana* (Craveirinha, 1974)]. Este poema transmite de forma excelsa a carga de um passado amordaçado que é recuperado para alimantar a ideia de uma esperança que é real. Parte do poema diz: «Ah, nós esperamos / na euforia das costas suadas / que o sal do vexame acumulado / deflagre» (Craveirinha, 1974, pág. 83). São versos de denúncia que obrigam a desamarar cons-

ciências, a tomar partido, num tom de espera activa que, na sua essência, é uma utopia pois não se sabe quando acontecerá embora se tenha a convicção que um dia se efectivará.

A construção do imaginário moçambicano alicerçado no quadro poético não fica alheia aos choques irremissíveis, por um lado, e, por outro lado, no abandono das crenças de que a identidade de um ser só é válida e reconhecível se for exclusiva, diferente da conformidade identitária de todos os seres possíveis. Não. Jamais será assim. Nós somos uma caminhada histórica com empréstimos culturais, linguísticos, gastronómicos, políticos, sexuais. Não somos moçambicanos herméticos que recusamos emprestar algum nada dos outros. Somos, iguais às outras sociedades, credores absolutos de outros saberes. Também, nos apropriamos das experiências comuns e interdependências de todo tipo de outras culturas dissemelhantes da nossa. Nesse sentido, avocar que somos uma sociedade imbricada, que não é pura e única, que aceita conviver com o hibridismo, com componentes heterogêneas e diferenciadas não dilui a nossa originalidade e os sortilégios que fomos aplicando para a arquitectar a nossa forma de fazer poesia. A ladainha arquitectónica da poesia materializa-se num lugar. Num espaço para o qual se pretende que a criação poética transforme o caos em ordem.

A poesia moçambicana com seus retalhos de autenticidade, em um fim inacabado, se junta à segmentação da natureza de cada moçambicano para gerar e pejar a imagem de apoderação do mundo porque os poetas do Índico não escrevem, apenas, para Moçambique, mas para o universo literário universal. Ciente que o artifício poético se constrói nas relações com os outros, na correspondência com o mundo, o poeta deve abrir espaço para que a sua linguagem poética seja problematizada. Deve ser controvertida pelos seus pares, pelos pensadores de literatura, pelos leitores e por todos àqueles que sabem que emprestam um pouco de si para construir a poesia moçambicana. É graças ao questionamento que percebemos que a poesia moçambicana, apesar da sua crise de figurações nacionais e de um precário espaço editorial, ainda se configura como uma das saídas para a sensação de sofrimento. A poesia nos torna contemporâneos. Moçambique é hodierno porque tem poesia.

Evidentemente, torna-se um imperativo para o Homem moçambicano condescender que a poesia pode ser lida como uma vertente do real. É nosso dever para a nossa salvação, analogamente, reconhecer que ela se constrói com base na manifestação de elementos insólitos de cada etnia, cada língua, cada componente usual e que sob o olhar do outro existe a possibilidade de emergirem variados traços que nos tornam comuns ou híbridos, procedendo do nosso ponto de vista em vista ao ponto do outro. A diferença é um elemento inevitável. Nunca devemos ir contra ela. A diferença é a ambiência preferível para traçar o colectivo. É parte de cada um de nós ser diferente. É pela diferença que nos aglutinamos porque é «de todos que se faz um país» (Monteiro, 2013). Nesse horizonte, a poesia moçambicana ganha mais robustez para o Homem mo-

çambicano por circular entre alçadas simbólicas que carregam a exemplaridade própria da tradição de cada constituinte de Moçambique.

Assim, como último ancoradouro desta alínea inicial deste minúsculo texto que serve de missiva para o Homem moçambicano, é terminante para a ventura da nossa remição, aceitar que a poesia serve como um dos assentamentos do vislumbre das distintas eventualidades numa legação de promessa catártica à sociedade moçambicana. Por meio desse alicerce podemos asseverar, sem nenhum terror literário, que a nossa moçambicanidade ganha a sua valorização na pluralidade poética. Apesar da «calibrada (...) fome» (Khan, 1990, p. 20) a poesia continuará sendo o lugar do singular cabimento estético para alimentar as nossas quimeras.

A poesia é nosso consórcio nas inteligíveis etapas que fazem de Moçambique um país utópico. Portanto, no contexto do terceiro milénio, sob variações observadas com vários níveis de falar Moçambique e num jogo entre consonâncias que ocupam posições diferentes no campo poético, podemos validar que é nessa realidade que se escreve o arco-íris da poesia-real moçambicana por meio, dentre vários títulos, dos livros: *Moçambicanto* (Gulamo Khan), *Karingana Ua Karingana* (José Craveirinha), *Mozambique – Meu Corpus Quantum* (Filimone Meigos). Estes e tantos outros servem para confirmar que «de todos se faz um país» (Óscar Monteiro). Bayete![]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CRAVEIRINHA, José (1974). *Karingana Ua Karingana*. Edições Académica.
- KHAN, Gulamo (1990). *Moçambicanto*. Associação dos Escritores Moçambicanos.
- MEIGOS, Filimone (2009). *Mozambique – Meu Corpus Quantum*. Marimbiqwe.
- MONTEIRO, Óscar (2012). *De Todos se Faz Um País*. Associação dos Escritores Moçambicanos.





ANOS

**REVELANDO NOVAS VOZES NA
LITERATURA MOÇAMBICANA**



EDITORA

FUNDZA

Reportagem fotográfica do FLIB 2025

